

## A publicação de estudos brasileiros de validação de medidas de aferição em psiquiatria

Nos últimos anos, temos assistido a um marcado crescimento do número e da qualidade das publicações científicas em psiquiatria no Brasil. A *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, participante ativa desse processo, tem prestado sua contribuição. Destaca-se a sua prática permanente de divulgação de pesquisas originais que tratam do tema da validação para o português de instrumentos e escalas desenvolvidas ou adaptadas para amostras brasileiras. Essa iniciativa não se dá por acaso. Ela tem suas bases na crença de seus editores e membros do conselho editorial de que uma parte expressiva do conhecimento atualmente gerado em psiquiatria se assenta fortemente na possibilidade de quantificar eventos abstratos, e de que essa quantificação será tanto mais útil quanto mais pudermos utilizar medidas de aferição devidamente validadas para uso em amostras brasileiras.

Sabemos que a noção de medida é crucial para o campo da ciência, cuja definição clássica de Stevens (1951, apud Carmines & Zellar<sup>1</sup>) é: “a designação de números a objetos ou eventos, de acordo com regras preestabelecidas”.

Em psiquiatria, o problema é que os fenômenos a serem mensurados ou aferidos

não são objetos ou mesmo eventos no sentido literal. Aos psiquiatras, interessam fenômenos abstratos. Assim, utilizamos o conceito de medida proposto por Carmines & Zellar, de “processo de ligar conceitos abstratos a indicadores empíricos”<sup>1</sup>.

A pesquisa em psiquiatria demanda instrumental próprio da área das ciências humanas, um pouco distinto do restante da prática da epidemiologia clínica em geral. Os indicadores empíricos, na maior parte dos casos, estão inseridos em itens que compõem instrumentos diagnósticos e escalas de rastreamento ou quantificação de sintomas. As medidas de aferição em psiquiatria têm, então, duas funções principais: auxiliar na identificação de casos e diagnósticos e medir a variação de sintomas. A epidemiologia psiquiátrica tem considerável atraso em relação às demais áreas da medicina, decorrente, entre outras razões, da dificuldade de desenvolver esses indicadores empíricos ou instrumentos de medidas apropriados.

Apesar disso, temos observado um grande progresso no desenvolvimento de uma metodologia própria, adequada à pesquisa em psiquiatria. Um dos avanços importantes foi o uso das escalas de avaliação de sintomas e instrumentos diagnósticos, que introduziram

algum tipo de medida onde anteriormente só era possível uma descrição qualitativa. Embora esses instrumentos e escalas de aferição apresentem limitações, eles possibilitaram, juntamente com o estabelecimento de critérios diagnósticos empíricos mais universais e dentro de uma visão categorial dos transtornos mentais, o uso de uma linguagem comum entre os clínicos e os pesquisadores. Essa linguagem comum possibilitou um crescimento no campo da pesquisa psiquiátrica em nível mundial. O grande esforço da comunidade científica internacional, no sentido de desenvolver instrumentos diagnósticos e escalas de rastreamento e quantificação de gravidade de sintomas com precisão e acurácia aceitáveis, possibilitou esses avanços. As entrevistas estruturadas, desenvolvidas no final da década de 70 e na década de 80, para identificação de casos, baseadas em critérios diagnósticos fenomenológicos, permitiram a factibilidade de estudos epidemiológicos populacionais de grande escala. As escalas de preenchimento pelos clínicos e de auto-avaliação ou auto-relato, que têm por objetivo prover informações quantitativas confiáveis sobre condições clínicas, são também de grande valia no avanço científico, em especial nas áreas de efetividade terapêutica<sup>2</sup>.

Dentro do referencial da psicometria clássica, a questão fundamental da medida psicométrica é a demonstração de sua conformidade da representação, isto é, a demonstração de que a operacionalização do atributo latente (itens) de fato corresponde a esse atributo (constructo). Essa demonstração se dá através de estudos dos parâmetros mínimos que os instrumentos e escalas devem apresentar para se constituir em medidas de aferição legítimas e úteis, tanto na prática clínica como na pesquisa. Os parâmetros psicométricos de um instrumento de medida referem-se, fundamentalmente, à fidedignidade e à validade do instrumento<sup>3,4</sup>.

Segundo Nunnaly (1970), citado por Streiner & Norman, o que validamos não é um instrumento de medida de forma global, mas sim um ou diversos usos que se possam fazer desse instrumento<sup>5</sup>.

Instrumentos e escalas desenvolvidos em outros países devem ser traduzidos e adaptados para o novo contexto cultural em que se deseja utilizá-los, devendo a versão adaptada ser igualmente avaliada em relação às suas propriedades psicométricas, preferencialmente em amostras populacionais e clínicas oriundas da

população-alvo na qual o instrumento de medida será utilizado.

A validação de medidas de aferição para diferentes culturas segue um processo extenso e trabalhoso de adaptação transcultural, mas que é fundamental para o campo da pesquisa em epidemiologia psiquiátrica<sup>6</sup>. Como já mencionado, as medidas de aferição em psiquiatria são hoje ferramentas indispensáveis no campo da psiquiatria. Porém, a validação apropriada das mesmas, para diferentes culturas, é ainda insuficiente, o que pode comprometer a qualidade dos dados de pesquisa.

Nem sempre os estudos que utilizam instrumentos e escalas desenvolvidas em outros países explicitam como eles foram traduzidos e adaptados, e se foram validados para a nova cultura na qual estão sendo aplicados. Devemos, portanto, ter cautela na utilização de medidas de aferição desenvolvidas para outras culturas antes de utilizá-las em nosso meio. O seu uso requererá processos de tradução e adaptação abrangentes, objetivando uma equivalência cultural que não é alcançável apenas por técnicas de tradução e retrotradução<sup>6,7</sup>.

No processo de adaptação e validação das medidas de aferição para uma nova língua, o pesquisador estará ainda contribuindo para a expansão da aplicabilidade do instrumento ou escala em diferentes culturas, ampliando a validade externa e reforçando as propriedades psicométricas dos mesmos.

O processo de validação de instrumentos e escalas para diferentes culturas demanda consideráveis recursos financeiros e técnicos. Entretanto, é indispensável para a utilização apropriada de medidas de aferição em psiquiatria. Assim, podem-se obter dados de pesquisa, mais confiáveis e compatíveis aos produzidos por diferentes centros de diferentes países e culturas, possibilitando tecer comparações verdadeiramente relevantes.

Igualmente relevante é a divulgação dos resultados dos estudos de validação de medidas de aferição em língua portuguesa em amostras brasileiras. Esta é a forma apropriada de disponibilizar o conhecimento sobre essas medidas e, assim, qualificar ainda mais a pesquisa em psiquiatria no Brasil. Nesse cenário, a *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul* está contribuindo de forma consistente e cumprindo com seu papel junto à comunidade científica brasileira e internacional.

## REFERÊNCIAS

1. Carmines EG, Zeller RA. Reliability and validity assessment. In: Sullivan JL, editor. Series: Quantitative applications in the Social Sciences. Beverly Hills (CA): Sage University Press; 1979. p. 1-57.
2. Picon P. Epidemiologia e Psiquiatria. Cataldo Neto A, Gauer GJC, Furtado NR (Organizadores). Psiquiatria para estudantes de Medicina. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2003. p. 83-90.
3. Pasquali L. (Organizador). Teoria e métodos de medida em ciências do comportamento. Brasília: INEP; 1996.
4. Fachel JMG, Comey S. Avaliação psicométrica: a qualidade das medidas e o entendimento dos dados. In: Cunha JA, org. Psicodiagnóstico. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2000. p. 158-70.
5. Streiner DL, Norman GR. Health measurement scales: a practical guide to their development and use. 3th ed. London: Oxford University Press; 2003.
6. Flaherty JA, Gaviria FM, Pathak D, Mitchell T, Wintrob R, Richman JA, et al. Developing instruments for cross-cultural psychiatric research. J Nerv Ment Dis. 1988;175:257-63.
7. Gorenstein C, Andrade LHS, Zuardi AW. Escalas de avaliação clínica em psiquiatria e psicofarmacologia. São Paulo: Lemos Editorial; 2000.

*Patrícia Picon*

*MSc, PhD. Professora, Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Brasil). Mestre em Epidemiologia pela Harvard School of Public Health (USA) e Doutora em Psiquiatria pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil).*